

Delicadeza

Psicanalista e artista sensível, Elaine Armenio cursou Psicanálise em nosso Departamento entre os anos de 1992 e 1995 e a ele se filiou em 1999. Autora de artigos publicados em três dos livros produzidos pelo grupo O feminino e o imaginário cultural contemporâneo, do qual participou por longo tempo; na Percurso revista de Psicanálise e neste boletim online, no qual compôs a equipe editorial por uma década, Elaine teve participação ativa em muitos outros de nossos grupos e instâncias de trabalho, tais como a articulação da área de Clínica do Conselho de Direção na gestão de 2019-2020; o GTEP – Grupo de trabalho e transmissão de psicanálise; o grupo Psicanálise e contemporaneidade, o Projeto de pesquisa e intervenção das problemáticas alimentares junto à Clínica Psicológica do Instituto Sedes Sapientiae. Seu interesse pelas artes foi evidenciado através de uma produção pictórica expressiva, orientada pelo artista Paulo Pasta, mas também do pensamento de suas tramas com a psicanálise.

Presente por 40 edições deste jornal digital, desde a [edição 14](#), de setembro de 2010, logo publicou o escrito Delicadeza, que apresentamos a seguir, em sua justa homenagem. Em nossa [edição 54](#), de junho de 2020, sua dignidade tomou parte nos ingredientes de nossa receita editorial: Elaine foi uma grande lutadora, em todos os aspectos e somos gratos a ela, pelo legado de sua desejante persistência.

Delicadeza

por **Elaine Armenio**¹



Oysterpiano (Pianostra), 1992. Rebecca Horn

A exposição da artista plástica alemã Rebecca Horn, denominada *Rebelião em silêncio*, realizada no CCBB-SP em setembro de 2010, trouxe alguns dos seus trabalhos em vídeos, filmes e obras.

Esta exposição me fez refletir um pouco sobre a delicadeza. Primeiro vou me deter em um trabalho dela que parece aludir ao feminino. Esta obra encanta à primeira vista pela delicadeza de sua forma - um piano delicado: hastes finas, dispostas horizontalmente ao nosso olhar, mas perpendicular à parede e alinhadas e ligadas a um suporte preso nela, como pode ser vista na figura. Nas extremidades destas hastes temos conchas abertas, com uma pérola sobreposta no seu interior. Refere-se a questões femininas, do corpo feminino e dos seus ornamentos?! Se assim pode ser pensado, com que beleza e sutileza se dá esta apresentação!

A disposição das hastes e o maquinário de sua estrutura revelam a existência de um movimento tranquilo, suave, que faz supor neste movimento um som, uma música tocada em pianíssimo. Variadas formas de dizer da delicadeza?

Mas, se não temos o som, o movimento faz parte da obra e acontece de tempos em tempos. Há graça e ritmo harmônico na animação que se dá com vagar e movimentos suaves. Traz a lembrança do maquinário e do ritmo de um relógio de corda, que marca o tempo em uma materialidade: dos engates das engrenagens que vão pulsando e fazendo o tempo decorrer se gastando ponto por ponto até finalizar a corda e começar tudo de novo, através da ação externa de um sujeito que manualmente lhe dá corda.

A possibilidade de viver o tempo e poder fruir da sua duração aparece como necessidade, comentário e tentativa de resgate em muitas apresentações da arte contemporânea. Contrapondo-se ao turbilhonamento do tempo e da experiência do excesso, que paralisa o sujeito e desfaz a experiência e a memória.

Em várias de suas obras, que um ensaísta denomina de "máquinas delicadas", encontramos o mecanismo como o do trabalho acima descrito: uma máquina de escrever que bate nas teclas das letras que compõem a palavra inglesa Love (*Love Olympia*, 2008); um leque de penas que abre e fecha (*Roda de pena gigante*); borboletas de metal que batem suas asas de um belo azul (*Borboletas cinéticas*); uma grande tina com água, em uma sala com pouca claridade, em que uma haste perfura a água de tempos em tempos promovendo movimentos concêntricos, que fazem uma dança de luz em um círculo iluminado na parede (*Cinema verdade para Pessoa*), e muitos outros trabalhos com inspiração semelhante.

Há uma busca pela alma nesta alquimia de mecânica, gestos, riscos, material orgânico e metais, objetos onde o vivo e o inanimado coexistem.

Nesta exposição, em uma mesma sala, encontramos várias destas "máquinas

delicadas" e elas se movem cada uma em um determinado tempo, com intervalos que parecem arbitrários, pois não sabemos quando cada uma vai começar se mover, e, quando vai parar e qual outra iniciará seu movimento. Sabemos que voltarão a se mover e ficamos numa antecipação que é feita de espera e de surpresa. Uma expectativa infantil que se surpreende e que acha graça a cada vez que os movimentos acontecem.

A delicadeza desses objetos parece ser feita do ritmo suave e tranquilo e da fragilidade desses movimentos que podem cessar. Surgem como obras da ausência, colocam em jogo a ausência e a perda; dialetizam não o visível e o invisível, mas o vivo e o inanimado. O pensar que envolve a perda, a transitoriedade, o efêmero, o frágil é o de uma cultura que, incluindo a perda, faz possível a delicadeza.

A delicadeza faz parte dos começos, dos recomeços, da convalescença, estes gestos tateantes e tímidos do que se está estruturando e do que volta a se fazer depois de uma perda. Os primeiros passos de um nenê e todos os seus movimentos de conhecimento do mundo, as primeiras incursões amorosas na adolescência. Os movimentos de um corpo machucado ou depois de um período de imobilidade. O sentir de uma alma combalida por um luto.

Outros trabalhos da artista Rebecca Horn trazem experimentações em performances que envolvem próteses criativas e a novidade, os movimentos e os gestos delicados que cada uma das próteses propicia. Em uma delas ela faz para suas mãos umas luvas com dedos muito longos (*Luvas de dedos*), feitas de um material leve, e na performance, usando esta luva, ela tateia o chão, as paredes, os objetos, uma pessoa, com toques muito suaves; em outra performance coloca penas em suas mãos e usa-as para acariciar a outra mão (*Dedos de penas*); e ainda peixinhos mínimos que passeiam e nadam sobre os pelos do tórax de um homem (*Dois peixinhos relembram uma dança*). E muitas outras performances experimentais.

Em alguns trabalhos contemporâneos podemos reconhecer movimentos como esses da artista que parecem o início, o recomeço de situações comuns, como em uma dança do grupo da Trisha Brown onde temos um conto de fadas com roupagem futurista, mas onde os gestos são tateantes e tímidos, sensíveis e delicados.

A delicadeza na obra da artista Rebecca Horn me mobilizou a pensar esta qualidade do humano às vezes rara, mas complexa, interessante e difícil de abordar por palavras quando procuramos seus sentidos e sinônimos e não quando a definimos pelo que ela não é - pelos seus antônimos.

Que outros elementos compõem a delicadeza? Com que outras faces se apresenta?

Para saber mais:

Acervo de escritos de Elaine Armenio em publicações do Departamento de Psicanálise:

[As palavras, o sonho e a escrita sensível](#). Percurso 26, 1º semestre 2001.

O corpo: campo de batalha contemporâneo, em coautoria com Danielle Breyton, Julia Catunda, Paula Francisquetti e Renata Puliti. In Alonso, S. L.; Camargo Gurfinkel, A.; Breyton, D. M. (orgs). *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Escuta, 2002.

A estética da magreza. In Alonso, S. L.; Breyton, D. M.; Albuquerque, H. M. F. M. (orgs). *Interlocuções sobre o feminino: na clínica, na teoria, na cultura*. São Paulo: Escuta / Instituto Sedes Sapientiae, 2008.

[Umbigo / Manhã / Canção / Sesta](#). Festa dos 30 anos do Sedes: outros escritos – boletim online 07, dezembro 2008.

[Apresentação do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Psicanálise e Contemporaneidade](#) – boletim online 13, junho 2010.

[Delicadeza](#) – boletim online 15, dezembro 2010.

Palavras de um poeta sobre a pintura de Van Gogh – boletim online 17, junho 2011.

[Riscos nas dobras do sino](#) – boletim online 19, novembro 2011.

[Da razão ao conflito, do excesso à criação, a questão da entrada do feminino na cena cultural da modernidade](#). Resenha de *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade* (Regina Néri, 2005), em coautoria com Flavia Volpe, Roberto Villaboim e Silvia Gonçalves. Percurso 47, dezembro 2011.

[Congresso de Psicopatologia Fundamental contará com a participação de membros do Departamento de Psicanálise](#) – boletim online 21, junho 2012.

[Congresso de Psicopatologia Fundamental aconteceu em Fortaleza](#) – boletim online 23, novembro 2012.

[Fechamento do CAPS do PROATA](#) – boletim online 24, abril 2013.

Novos corpos (cibernéticos) e o inconsciente psicanalítico: [Comentário sobre a discussão de caso](#) – boletim online 26, setembro 2013.

[Obras Incompletas de Sigmund Freud: entrevista com Pedro Heliodoro Tavares](#), em coautoria com Sílvia Nogueira de Carvalho – boletim online 29, junho 2014.

[As pinturas negras de Goya](#) – boletim online 30, setembro 2014.

[Escrita e circulação](#) , em coautoria com Cristina Barczinski, Maria Carolina Accioly, Mario Pablo Fuks, Nayra Ganhito e Sílvia Nogueira de Carvalho – Entretantos 1 / boletim online 31, outubro 2014

[III Jornada do Feminino](#) – boletim online 33, abril 2015.

Corpo, ato e performance na subjetividade contemporânea In Alonso, S. L; Breyton, D. M.; Albuquerque, H. M. F. M.; Cartocci, L. (orgs). *Corpos, sexualidades, diversidade*. São Paulo: Escuta 2016.

[Vozes em ato](#), em coautoria com Cristina Barczinski, Maria Carolina Accioly, Mario Pablo Fuks, Nayra Ganhito, Sílvia Nogueira de Carvalho e Tide Setúbal – Entretantos 2 / site do Departamento de Psicanálise.

[Duas conferências na cidade](#) – boletim online 44, novembro 2017.

[Filmes de plástico feitos à mão](#) – boletim online 54, junho 2020.

¹ Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – *in memoriam*.